

# O amor não quer saber

Fátima Flório Cesar

Quando o paciente chega à análise com angústias ligadas à perda de um parceiro amoroso, colocam-se questões técnicas específicas: entre oferecer continência e encaminhar a aceitação da separação, é delicada a posição do analista.

*“Que o amor é estranho  
que o amor não quer saber  
...O amor é estranho  
e sem forma  
O amor é anormal”*

(Fernanda Takai – Pato Fu)

*“É que quando alguém  
diz de você, por acaso,  
que não lhe quer  
mais, é tão incompreensível quanto  
língua estrangeira”*

(Marilene Felinto)

luta, sem brecha ou concessão, de ingressar na vida sem seu amado. Existirá alegria fora do amor? Mas, não, é uma pergunta além – além mesmo da tristeza – que pulsa em nossos encontros. Questão de vida e morte: é de uma perigosa zona de não-existência que nos aproximamos, quando o abandono lhe acena e a escuta do “não te amo” é ouvido tal qual língua estrangeira.

É quando nada mais a penetra, que não seja a presença do amante; a fome fora dele cessa e a náusea é resposta – sobrevêm vômitos, perda de peso, as pernas afinam, os braços, o rosto. O peso “cai” como o de um prematuro que se afasta da vida. O viço. Cadê o viço? Loreley furacão – diante de uma espera interminável – transmuta-se em pequena e trêmula flama. E eu fico ali, com as mãos em volta, protegendo a chama, frágil chama que mal resiste a sopros ou brisas. Será possível? Será (o) justo?

“**M**inha vida sem ele... minha vida sem ele... minha vida sem ele...”<sup>1</sup>: é como se Loreley<sup>2</sup> me dissesse o tempo todo – por trás do “blá-blá-blá” de queixas e desalento – ou melhor, como se ela me indagasse repetidamente sobre a possibilidade de “existir fora do amor” (Fédida). Ou melhor, como se ela me gritasse a impossibilidade abso-

Fátima Flório Cesar é psicóloga, psicanalista, doutoranda em Psicologia Clínica na PUC/SP e professora no curso de Psicologia da UNIP/São José dos Campos.

## Dores atrozes, dores mornas

Podemos falhar; eu direi ainda, devemos falhar, como Winnicott e Ferenczi nos ensinaram – mas não podemos habitar fora da verdade: “por exigências de verdade, compreendemos até nosso próprio embaraço porque nem sem-

Mas perdoem-me a digressão – as moças das quais pretendo falar são aquelas que trazem a dor oculta: chegam “inundadas de cotidiano”, encharcadas de “sentidos siliconados”. Ora, se estão ali é porque existe um sofrimento e eu preciso estar numa “atenção-desatenta”, “distratamente atenta” para não

mente... Vão querer saber de truculências? E “nossa vida é truculenta, Loreley: nasce com sangue e com sangue corta-se para sempre a possibilidade da união perfeita: o cordão umbilical. E muitos são os que morrem com sangue derramado por dentro ou por fora. É preciso acreditar no sangue como parte da vida. A truculência é amor também”<sup>8</sup>.

“Somos beleza e abominação”<sup>9</sup> e tal verdade é difícil de ser apreendida num mundo em que o mal é varrido para baixo do tapete.

A travessia do drama até o vislumar da tragédia de viver pede a ajuda do analista; mas estamos diante de formas de existência que eu temerosamente aproximaria da noção de “refúgios psíquicos” do psicanalista John Steiner:

“Quando esses mecanismos se integram numa organização patológica da personalidade que fornece uma retirada da realidade, o analista apenas poderá ser tolerado se se submeter às regras impostas pela organização. Ele é pressionado a concordar com os limites impostos pelo paciente sobre o que é tolerável, e isso pode significar que certos tipos de interpretação não são permitidos ou não são ouvidos”<sup>10</sup>.

Extremamente resistentes ao contato com a realidade psíquica (e com o analista) e à mudança, são pacientes, que segundo Steiner:

(...) se vêem aprisionados num refúgio psíquico e apresentam problemas técnicos enormes para o analista. Este tem que se esforçar para lidar com um paciente que está fora do contato, e com uma análise que parece não estar indo a lugar algum por períodos muito longos. O analista precisa lutar também tanto contra sua própria tendência de se adaptar e fazer conluio com a organização, por um lado, quanto a se retirar para seu próprio refúgio defensivo, por outro. Se o analista consegue entender melhor alguns dos processos, terá mais capacidade para reconhecer a situação do paciente e estar disponível nes-

**A**s moças das quais pretendo falar são aquelas que trazem a dor oculta:

chegam “inundadas de cotidiano”, encharcadas de “sentidos siliconados”.

pre sabemos estar na verdade”<sup>3</sup>. Impasse. Embaraço. Tantas vezes não saber o que dizer, não ter o que dizer; mas também não ter o que silenciar!

Volta e meia, encontro-me em estado de embaraço diante de moças do nosso tempo<sup>4</sup> que vêm procurar ajuda porque lateja ali alguma dor, que pressiona e interroga. Num extremo, mocinhas de “pele fina” com suas tentativas desesperadas de entrar num mundo que parco lugar tem para agoniados e deprimidos. Mesmo com sua casca áspera de rudezas ou não-comunicação, deixam um rastro de sangue: a dor nua e crua, com seu disfarce barato, fisga-me e eu sigo as pegadas da fera apunhalada que luta para entrar na vida.

acreditar na oquidão que parece dominar o ser.

Nestes casos, o risco que se tem é de o analista – na medida em que é oferecida uma espécie de falso contato – tomar “uma direção que parece superficial, desonesta ou perversa”<sup>5</sup>. Existe um pedido de aprofundamento, de ganho de substância e densidade: mas, simultaneamente, um medo proporcional, e a aproximação deve ser, portanto, cuidadosa, sob o risco de desmoronamento. “Entender é tremer”<sup>6</sup> caso o entendimento venha súbito e, como vento forte, derrubar a precária casa do ser.

Se os “inocentes do Leblon”<sup>7</sup> chegam aos consultórios é porque buscam deixar de esquecer. Desejam lembrar... mas tão longinqua-

ses momentos, quando ele realmente emerge, tornando possível o contato”<sup>11</sup>.

Além do espaço familiar, o ambiente de nosso tempo parece favorecer a construção de tais modalidades de funcionamento psíquico, que contratransferencialmente despertam perplexidade: o que buscam? Buscam mudança? E tecnicamente, como responder? Devemos ser cuidadosos, não superficializando ou fazendo conluios, mas também não podemos avançar, arrancando / injetando *insights* na marra.

A dor que se apresenta aqui é uma “dor morna”. Anti via-crúcis, a trajetória existencial desses jovens parece ser marcada por um atropelamento / estrangulamento da dor: “não se podia cortar a dor – senão se sofreria o tempo todo. E ela havia cortado, sem sequer ter outra coisa que em si substituísse a visão das coisas através da dor de existir, como antes. Sem a dor, ficava sem nada, perdida, anunciada no seu próprio mundo e no alheio sem forma de contato”<sup>12</sup>.

O que se pede de imediato é o alívio da dor. Às vezes, entretanto, parece existir um pedido de “salvação da vida interior de uma pessoa”<sup>13</sup>. Pedido, ainda que relutante, de uma experiência do mundo: além da visão do próprio umbigo e das barrigas saradas.

Pedido também de arranjar alegria, como se “arranja casa e comida”<sup>14</sup>. Por que não? Por que não? E querem amor. Ah (...) amor...

### Loreley

É em torno do amor, da relação com parceiros, paqueras, “ficantes”, namorados e apaixonados que parece se conduzir a senda em que estas moças tentam trilhar seu “caminho de constituição subjetiva”<sup>15</sup>. Com atropelô<sup>15</sup> (o que não é nada de excepcional em termos de amor), às vezes com enorme ignorância a respeito de seu desejo.

De quem ela gosta afinal? Fulano, sicrano, de novo fulano. Mas não será com esse outro homem, o atalho para a transformação?

Neste panorama, Loreley é singular... tem como ídolos “Adriane Galisteu e Madonna”, mas... “sofre como o diabo...!” Finca os pés na vida amorosa e não tem dúvidas. É esse e pronto!

Afunda nos mares gelados da rejeição amorosa, volta à superfície, respira driblando a dor e a espera. Foi assim com sua primeira grande paixão. É assim com a atual. Procurou-me na primeira, há três anos, quando a ameaça de perda já tirava o sono, a fome, o interesse por qualquer coisa fora do amor.

O esquecimento foi lento, o desprendimento doloroso – a

cendo, crescendo e o “devir-polvo” fez de novo sua aparição. Foi grudando, foi querendo e de novo estava diante do homem de sua vida; e de novo exigindo “promessa de permanência” (Zygouris). Mas, “prá sempre não será sempre por um triz?” (Chico Buarque/Edu Lobo).

### O fio cortado da história

*“Assim meio sem saber, ela e seu passado tinham se guardado um para o outro com tamanho zelo que tinham se perdido um para o outro. Nos reencontros, sempre dramáticos e acidentais, ela acabava perguntando, angustiada: mas onde devo colocá-lo, o meu passado, em que página da história?”*

Loreley afunda nos mares gelados  
da rejeição amorosa, volta  
à superfície,  
respira driblando a dor e a espera.

passagem de um para outro (amor) ajudou-a a fazer uma espécie de “gambiarra existencial”, num luto precário.

No início, o segundo era prêmio de consolação, até que foi cres-

*...Porque eu sou, também, tudo o que já perdi.<sup>167</sup>*

A história da ansiedade de Loreley vem de longa data. Na medida em que as dores chegam como

“pororoca” diante da perda amorosa, os outros momentos de angústia ficam enevoados e minimizados diante da atual ameaça de catástrofe. A “dor de barriga” é sua companheira desde a infância (em dias de prova). Uma tendência à hipocondria aponta aqui e ali: quando insiste em repetir o exame anti-HIV, ou “encana” com “alguma doença”.

Problemas genitais a levam com frequência ao ginecologista: candidíases, pequenas alergias, corrimentos. Fala por sua vez, embora não faça maiores vinculações, do desespero do pai diante de qualquer doença dos filhos.

O pai, “dono da verdade”, surge eventualmente nas sessões em meio a ataques de fúria e ressentimento. Filha do meio – a molequinha que vivia de cabelo curto virou uma linda mulher – parece ser a mais “paparicada”, embora não reconheça... Nos momentos mais difíceis deita com a mãe na cama, ficam juntas, aninhada, tentando calar a dor. Até algum tempo atrás o pai recebia os três filhos na cama, um pai-mãe que “lambia as crias”.

Loreley seguiu a carreira do pai. Talvez uma parte de seu ressentimento venha daí: acreditava que ia ser acompanhada por ele; mas ao contrário, recebe muitas críticas e cobranças, que são respondidas com berros e protestos. Reconhecimento pedido e negado. Críticas que depois se transformaram em auto-ataques: “não consigo estudar, o tempo tá passando...”

O ciúmes que a leva ao inferno também tem longa história. Desde a infância, ciúmes das amigas, dos irmãos, dos pais.

No início do namoro que agora acabou, Loreley consegue sair de casa, monta seu próprio apartamento, fica contente, embora a não aprovação do pai a revolte e magoe. Recentemente pensa em “economizar” o aluguel e volta para a casa dos pais, ao mesmo tempo que espera que fique pronto o apartamento que o pai lhe deu (ela se ressen-

tia de que ele dera para a irmã, e não para ela). Com certeza, foi/é um tempo/espaço para sustentar sua espera; no momento em que a casa sem o namorado perdia o sentido e virava espaço de solidão. Tempo (necessário) de regressão. (“Se você não quer mas eu quero / volto pra mamãe volto pra papai / se você não me quer nunca mais / eu fico dodói fico jururu / vou pro juqueri volto pra bangu” – Zeca Baleiro).

Loreley sempre se interessa por homens mais velhos. Seu dois gran-

segundo é “delicado, humano, carinhoso”. Mas fala: “eu não te amo”. Mas ficam juntos e parece ser amor. Porque as palavras podem mentir e Loreley prefere não ouvir e acreditar no olhar ardente (que pode ser desejo ou tesão, mas que ajuda uma mulher a se enganar e acreditar que é amor). “Que bom que você vai viver sua vida... Daqui a 90 dias te procuro” – ele diz e ela espera.

Neste mar de antiguidades, Loreley se agarra nos sinais positivos, não consegue esquecer e se

**O**s dois têm em comum a dificuldade de se vincular. Frases do tipo: “eu sou do mundo” ecoam da boca de ambos. Ao mesmo tempo jogam iscas, seduzem e abandonam.

des amores, ou os homens que mais a fazem/fizeram (além do pai!) viver e sofrer, têm (exatamente) 13 anos a mais. Os dois têm em comum a dificuldade de se vincular. Frases do tipo: “eu sou do mundo” ecoam da boca de ambos. Ao mesmo tempo jogam iscas, seduzem e abandonam. Parece ter ocorrido uma transformação na escolha do primeiro em relação ao segundo. Aquele era “arrogante e dono da verdade” (como o pai), enquanto o

desespera habitando uma espera de “horas abertas” (Marilene Felinto).

### **O amor não quer saber ou “nada existe fora do amor”**

“Sofre a dolência do amor, que não se cura / se não com a presença e a figura.” (Teócrito)

“Assombrados não são os quartos tão-somente

Nem mesmo as casas velhas:  
Corredores do cérebro ultrapassam  
O espaço da matéria.

Mais seguro é topar-se, à meia-noite,  
Um fantasma exterior,  
Que enfrentar um fantasma ainda mais branco  
Em nosso interior...”  
(Emily Dickinson).

Quando penso em Loreley, um universo de temas me acompanha: o amor, o feminino, o amor quando se torna obsessão, as adições... Mas começo com uma pequena reflexão pela questão do amor transferencial, como Freud nos fala em seu texto: “Observações sobre o amor transferencial”.

Quando a paciente se apaixona pelo “médico” – “nada quer a não ser o amor” – adverte Freud. Entre essas pacientes, existem “aquelas de paixões poderosas, que não toleram substitutos, filhas da natureza que se recusam a aceitar o psíquico no lugar do material”<sup>18</sup>.

O amor transferencial – que se traduz eminentemente como expressão da resistência – ocorre quando a paciente está se aproximando de algum fragmento recalçado a ser recordado.

É nesse sentido que me aproprio do verso pop do “Pato Fu”: “O amor não quer saber” e o aproximo de Freud. O apaixonado, seja em relação ao analista ou na vida comum, não quer saber de nada a não ser a satisfação de suas necessidades amorosas.

Outro aspecto que gostaria de destacar no texto freudiano refere-se à relação entre o amor de transferência e o amor na vida comum:

“Em outras palavras: podemos verdadeiramente dizer que o estado de enamoramento que se manifesta no tratamento analítico não é real? É verdade que o amor consiste em novas adições de antigas características e que ele repete rea-

ções infantis. Mas este é o caráter essencial de todo estado amoroso. Não existe estado deste tipo que não reproduza protótipos infantis.(...)”

Resumamos, portanto. Não temos o direito de contestar que o estado amoroso que faz seu aparecimento no decurso do tratamento analítico tenha o caráter de um amor ‘genuíno’. Se parece tão desprovido de normalidade, isto é suficientemente explicado pelo fato de que estar enamorado na vida comum, fora da análise, *é também mais semelhante aos fenômenos mentais anormais que aos normais*<sup>19</sup>.

Recorro novamente à sabedoria pop: “O amor é estranho e sem forma / O amor é anormal”. Freud e Pato Fu!

A situação do amor transferencial cria um impasse semelhante àquele que enfrentamos quando

Quando falo do fio (partido) da história é porque Loreley não quer saber. Saber das origens, desconstruir o personagem é colocar em jogo a realidade da escolha amorosa. É o risco do amado virar pó e ela junto. Como afirma Betty Joseph (1985), é necessária a vinculação com o passado para ajudar o paciente a construir um sentido de sua própria continuidade e individualidade. O difícil é quando e como interpretar a relação com o passado – como reconstruir. Para esta autora é preciso que o conflito “diminua” até que o paciente *deseje compreender* e ajudar a estabelecer tais ligações. Acontece assim com Loreley. Tentativas de vinculação com o passado são respondidas mudamente com um olhar misto de pavor e ódio. Porque existe um lado fera/onça que sofre e

O apaixonado, seja em relação ao analista ou na vida comum, não quer saber de nada a não ser a satisfação de suas necessidades amorosas.

Saber das origens, desconstruir o personagem, é colocar em jogo a realidade da escolha amorosa.

atendemos um apaixonado e “sua obstinada necessidade de amar”.

Como o analista deve atuar? – interroga Freud e a mesma pergunta nos serve aqui quando encontro Loreley.

odeia quando lhe falam: “Sai dessa. Ele não te merece”. Toda escolha é real, mesmo que seja transitória. Assim como um analista, alvo do amor apaixonado de seu paciente não pode dizer: “não é comigo” e

olhar para trás; preciso reconhecer a realidade/veracidade<sup>20</sup> de seu amor, mesmo que ele seja anormal! Talvez exista um pedido de que uma mulher – como ela – não a censure por navegar e não conseguir pular de uma “canoa furada”. Mas também preciso ajudá-la a ver que existe um furo – e esta visão lhe causa horror e ódio – porque não há habitar possível fora da canoa. Entender pode ser mesmo tremer, quando o conhecimento é capaz de nos lançar numa agonia impensável ou numa ira sem bordas!

Agrada-me muito um texto de Fédida no qual ele comenta o artigo freudiano mencionado acima:

como por exemplo, ternura e sexualidade. O importante é não estar do lado da síntese do amor, mas da sua análise: “admitir os contrários, contradições e fazê-los coexistir no interior do amor, fazê-los coabitar, fazê-los frutificar juntos”<sup>23</sup>. ...“No amor há pulsões parciais, há sempre o amor mais a morte, o amor mais o ódio, há sempre o amor mais o negativo”<sup>24</sup>. Acontece que, para o paciente, o negativo equivale à morte. E é esse que deve ser o trabalho da análise: mostrar que o negativo não é morte, mas abertura.

Fédida afirma que quando o paciente se enamora do analista não é simplesmente resistência – é um

Em relação à atuação do analista, se Freud adverte que a interpretação do amor transferencial pode ser vivida como culpabilização, Fédida fala de um impasse:

“Surge então a idéia do amor total. *O paciente nos faz ouvir que nada pode fazer de sua vida se não portar dentro de si a crença nesse amor.* Em tais situações a morte por suicídio está sempre presente. Nesses tratamentos difíceis, não podemos esperar da tentativa de suicídio uma possibilidade de simbolização. Em certos casos, sob um controle rigoroso, a tentativa de suicídio pode permitir ao paciente abandonar certa vida para encontrar outra. Mas isto, só quando a tentativa de suicídio se constitui num momento de simbolização no processo de cura. Felizmente, alguns de nossos pacientes não têm apenas uma vida, mas várias, e, por conseqüência, podem fazer uma tentativa de suicídio, pois esta tentativa utiliza o símbolo da morte como interpretação possível de mudança. Para a primeira categoria de paciente que acima evoquei, não se trata disso. *O paciente nos faz ouvir que, se não aceitarmos o papel de redentor, ou se procurarmos interpretar-lhe a transferência na transferência, ele pode morrer, pois nada há fora do amor*”<sup>26</sup>.

No amor que se torna desespero infundo, o amado se torna redentor; do tipo de amor que só existe totalização, idealização, tábua única, insubstituível de salvação; ali onde o amor não se abre, não há desdobramento para a multiplicidade que habita o interior-do-amor. Quando o ex-namorado encena maus tratos e diz “eu vou fazer você sentir raiva, ódio de mim”; o tom delicado impossibilita a decepção.

Só existe amor e, fora do amor: o nada. Se a psicoterapia vai mal, é porque estamos sendo explicativos, adverte Fédida. E nos casos de perda amorosa (não apenas no amor de transferência), a inter-

**P**ara Fédida, o enamoramento do paciente pelo analista é um momento de encontro com angústias arcaicas de morte e com o terror do aniquilamento; ele surge ante um medo de despedaçamento e de fragmentação.

chama-se “Amor e Morte na transferência”. O autor ressalta a importância do “múltiplo no interior do amor”<sup>21</sup> – a pluralidade de pulsões (parciais) no amor: “em nome do amor total, pode haver uma fetichização da pessoa em sua integridade”<sup>22</sup>. Unificar a palavra amor só dá frente à dificuldade de fazer coexistir em aspectos contrários,

momento de encontro com angústias de morte arcaicas, com o terror de aniquilamento: “nessas condições o paciente se agarra ao terapeuta esperando fazer uma unidade com ele”<sup>25</sup>. O amor de transferência surge ante um medo de despedaçamento/fragmentação que leva a totalizar o amor na pessoa do terapeuta.

pretação pode ser vivida como culpabilização.

Dar abertura para o amor, atualizá-lo dentro da história psíquica do sujeito é vivido como equivalente a destruí-lo; daí o olhar entre temeroso e fuzilante, quando tento falar algo fora do amor.

Ah, o amor e, especialmente o não correspondido, gera tal estado de servidão, que Loreley urra de

Assim, a busca é de fazer algo por si mesmo, a criação de um neopsiquismo, busca de um estado ideal – no caso específico, da paixão de um ideal simbiótico. São tentativas de atenuar dolorosos estados mentais – preenchendo uma função materna que o indivíduo é incapaz de proporcionar a si mesmo. No lugar de objetos transicionais, são *objetos transitórios*, pois fracassam

não estarem mais distraídos!" (Clarice Lispector)

A servidão da espera: o olhar fixo no telefone, nos e-mails, percorrer os lugares que freqüentavam juntos: "a espera é como uma alucinação de qualidades sensíveis que persistem após um corpo ausente"<sup>28</sup>. Ele já se foi, mas ela não desiste de esperar, ao mesmo tempo que odeia a realidade dessa espera (e da análise que não traz a cura nem a presença material do amor perdido).

Ela tenta se distrair, mas de mentirinha, "semblante de distração": beija um, beija outro; numa busca entre desesperada e descrente de alguém que lhe dê o que o amor lhe dá/lhe deu. Se existe de um lado uma fragilidade/"fixação mortífera" (Kehl); de outro uma insistência (que eu chamaria de corajosa; caso houvesse outra opção) em não esquecer. Amor não correspondido e ressentimento são dois lados da mesma moeda: da busca do que é de seu direito, de não esquecer os ferimentos infligidos que constroem uma espécie de refúgio psíquico, que adia a decepção e o entendimento de que "o amor por si só não desperta amor"<sup>29</sup>. Como curar esse amor "doentio"? (Ah! Existe amor normal?, nos pergunta Fédida).

**A**tualizar o amor na história psíquica do sujeito é vivido como equivalente a destruí-lo; daí o olhar temeroso e fuzilante quando tento falar algo fora do amor.

ódio quando lhe falam "homem é tudo igual", "ele não te merece". É como falar mal a um drogadicto da droga que o sustenta. Segundo Joyce McDougall, a etimologia do termo "adição" refere-se a um estado de escravidão: pode ser ao fumo, ao álcool, comida, drogas ou a pessoas. Entretanto, o objeto da adição é vivenciado como essencialmente bom; algumas vezes, chega mesmo a ser a única busca que confere sentido à vida: "a economia psíquica subjacente ao comportamento adictivo tem a intenção de dissipar sentimentos de angústia, raiva, culpa, depressão ou qualquer outro estado afetivo que dê origem a uma tensão psíquica insuportável"<sup>27</sup>.

em propiciar um alívio não mais que temporário à dor psíquica. A solução aditiva é uma tentativa de cura de si mesmo de estado psíquicos ameaçadores. E o amor é uma tentativa de cura.

### **O telefone não toca – o insustentável da espera**

"Foram então aprender que, não se estando distraído, o telefone não toca, e é preciso sair de casa para que a carta chegue, e quando o telefone finalmente toca, o deserto da espera já cortou os fios, tudo, tudo por

### **A cura do amor ou a cura no amor**

"Estou enferma de amor"  
(Cântico dos Cânticos).

Os talentos, a alegria, o ser de Loreley ficam de posse do amado e tem-se a ilusão de que é ele o criador (de seu êxtase, de sua existência em plenitude) e ela, a criatura. A entrega amorosa que a destitui de vida própria é um caminho sem volta e não há como querer retornar ao estado anterior. Apesar do inferno que atravessa – é preferível amar, apesar da dor. É este o modo fe-

minino de amar, como afirma Maria Rita Kehl em seu texto “A dor do amor e o amor da dor”; comentando as “Cartas portuguesas” de Mariana Alcoforado, texto do séc. XVII.

“Que mulher, pós-feminismo se entregaria com tal arrebatamento experimentado por Soror Mariana no séc. XVII” ? – interroga Kehl. A psicanalista ressalta:

“Alguma coisa se perdeu já que, afinal, no que consiste esse tal masoquismo senão no destemor com que as mulheres fazem dom de sua castração, desafiando a angústia masculina com um saber que não é sobre o prazer na dor – é o prazer *apesar* da dor? No que consiste o masoquismo feminino senão no consentimento de que, diante de certos prazeres, só uma mulher sabe que a dor pode valer a pena?”<sup>30</sup>.

Entretanto, a autora adverte: “O risco da posição feminina pura, daquela que só existe enquanto objeto do desejo do outro, é o de deixar de fazer sentido fora do campo do amor e do desejo. Mariana, que nada sabia de si até então, tornou-se aquela que seu amante descobriu, inventou ou desejou”<sup>31</sup>.

Penso em Loreley que “sabe de si” a partir do que o amante inventou ou descobriu e assim sua alma se mantém refém daquele outro que se distancia e, quando ela corre atrás dele, é por ela também que anseia.

Talvez seja um caminho de constituição subjetiva, como diz Kehl – o da mulher que nasce da sedução do homem. Mas Loreley foge do conhecimento de que não existe posse sobre o desejo/amor do outro. “Por que ele não me ama?. O que eu tenho/fiz de errado? Me sinto uma fracassada”.

É a fuga da percepção desta realidade de que “o amor por si só não desperta amor”. A fuga da vivência da decepção sem mais disfarces. A rejeição olhada de frente sem mais subterfúgios é que possibilitará a cura do amor. Talvez o que o prende, o que o fez segurar na

mão sem deixá-la partir seja sua entrega sem máscaras, sem jogos, seu gritar sem vergonha e inocente que o ama e “vamos fugir, vamos fugir... desse lugar”.

Mas ele já não terá fugido?

Repetidor vem do latim *repetitore* – “o que reclama”; assim tem sido vital repetir a ausência e o abandono, para reclamar/re-clarar

**É** a fuga da percepção  
desta realidade de  
que “o amor por si só  
não desperta  
amor”. A fuga da  
vivência da  
decepção sem mais  
disfarces.

para si o salvador (o objeto transformacional, segundo Bollas) e reviver ou viver pela primeira vez a dependência. Mas quantas vezes será necessário repetir até que a dor ensine, até que entender não equivalha a tremer; mas que constitua braços (*holding*) que a encaminhem pela vida sem tanta angústia. Onde a realidade falhou que não é capaz de clamá-la com força para outros

lugares da vida fora do “Campo do desejo e do amor” (Kehl)? Por que, fora daqui, as raízes são rasas, falsas, os passos incertos, os pés falseiam?

O caminho do amor e do apaixonamento é uma aprendizagem subjetiva, (quando se aprende...). E assim será possível a cura no amor ou a cura, apesar do amor. Mas onde/como o lugar do analista...

### O chamado (a técnica im-possível?)

Pois Loreley me reclama: tira essa dor! Salva-me dessa obsessão, dessa avidez! Como o apaixonado pode aumentar/ampliar a potência de agir: como amar para a alegria e a liberdade (Kehl)?

Ela me chama! E eu.

“Mas se me viesse de noite uma mulher. Se ela segurasse no colo o filho. E dissesse: cure meu filho. Eu diria: como é que se faz? Ela responderia: cure meu filho. Eu diria: também não sei. Ela responderia: cure meu filho. Então – então porque não sei fazer nada e porque não me lembro de nada e porque é de noite – então estendo a mão e salvo uma criança. Porque é de noite, porque estou sozinha na noite de outra pessoa, porque este silêncio é muito grande para mim, porque tenho duas mãos para sacrificar a melhor delas e porque não tenho escolha”<sup>32</sup>.

Mas aqui estou às voltas, como fazem os ressentidos, repetem e repetem os sentimentos, as lembranças dos males – e assim também eu, em termos técnicos, preciso libertar-me pois “esquecendo nossos males, dissolvemos nossos ressentimentos e nos tornamos, novamente, aptos a apreender a vida no que ela pode trazer de novidade, de frescura”<sup>33</sup>.

No amor não correspondido em que o apaixonado quer arrancar na marra o que lhe foi roubado (embora o ladrão de nada saiba) – que

chances há para a alegria, se não o terrível atravessamento da decepção e a aceitação do impedimento/rejeição?

Trabalhar com casos como os de Loreley e/ou do que Steiner chama de "organizações em refúgios psíquicos" é freqüentemente desanimador<sup>34</sup>; mas não sem saída.

No dizer de Steiner:

"Os pacientes que se recolhem, em excesso, para refúgios psíquicos apresentam grandes problemas do ponto de vista técnico. A frustração de ter um paciente paralisado e, ao mesmo tempo, fora de alcance desafia o analista. Este precisa evitar ser levado a desistir por desespero ou a reagir em demasia e tentar superar a oposição e a resistência de maneira excessiva. Esta é uma situação em que paciente e analista podem ter, com facilidade, objetivos opostos. Enquanto o paciente está interessado em manter ou recuperar seu equilíbrio, o que consegue através da retirada para o refúgio psíquico, o analista está preocupado em ajudar o paciente a emergir, a obter *insight* sobre o funcionamento de sua mente, e permitir que o desenvolvimento prossiga.

"(...) Nessas circunstâncias, sua principal preocupação é obter alívio e segurança estabelecendo um equilíbrio mental. Por isso, fica incapacitado de interessar-se pela compreensão. Para o paciente, a prioridade é livrar-se dos conteúdos mentais indesejáveis, que projeta no analista e, nesses estados, ele não tem condições de receber ou examinar seus processos mentais. As palavras não são usadas para informar, mas como ações que têm um efeito sobre o analista. As palavras do analista também são sentidas como ações que indicam algo sobre o estado mental do analista, e não para oferecerem *insight* ao paciente. Se o analista acredita que sua tarefa é ajudar o paciente a obter compreensão, e se o paciente não deseja ou não consegue tolerar

essa compreensão, então está criado um impasse. São situações freqüentes e apresentam problemas perturbadores para o paciente e para o analista"<sup>35</sup>.

Steiner adverte que apenas a continência não é suficiente para a mudança psíquica. Traz alívio, mas não leva necessariamente ao crescimento; pois o alívio depende, nesse nível de organização, da presença contínua do objeto continente; – não se podendo tolerar a separação verdadeira do objeto.

As interpretações são sentidas como intromissões. Steiner sugere que embora "o paciente não esteja interessado em obter compreensão – isto é, compreensão sobre si mesmo – no entanto, pode ter uma necessidade premente de ser compreendido pelo analista"<sup>36</sup>. Neste sentido, o fundamental é o analista suportar a pressão colocada nele (as projeções do paciente), de modo a aquele, aliviado, poder ser capaz de usar a capacidade de pensar e experimentar o analista para ajudá-lo em suas dificuldades.

Se o analista se fecha, ou contraprojeta, o paciente se sente não compreendido e mais perturbado. Se o analista contém e integra os elementos projetados, ele precisa ter a coragem "de assumir riscos" para interpretar, mesmo que isso possa fazer com que o paciente fique perseguido.

Enquanto o "ser contido e ser compreendido têm prioridade sobre a compreensão"<sup>37</sup>, mais cuidadosas deverão ser as interpretações. Steiner insiste em vincular a mudança psíquica ao *insight*.

No caso de Loreley, o ressentimento em relação ao amado liga-se numa linha de significâncias ao sentimento edípico (incluindo afetos como ódio e vingança) e ainda a mim, quando não a curo ou faço interpretações sentidas como invasivas ou explicativas. (Preciso particularmente encarar a violência que se dirige a mim). De qualquer modo, é sempre numa posição de-

licada em que me encontro: entre oferecer continência e não descuidar para o encaminhamento da aceitação da verdade; de uma forma que "entender" não seja equivalente a tremer; mas seja o vislumbrar de que, "apesar de tudo, existe uma fonte de água pura / Quem beber daquela água / Não terá mais amargura" (Paulinho da Viola). ■

## NOTAS

1. Fala da personagem principal do conto "Horas Abertas" de Marilene Felinto.
2. Ler ao som de Dança da Solidão de Paulinho da Viola: "Solidão é lava / Que cobre tudo / Amargura em minha boca / Sorri seus dentes de chumbo / Solidão palavra / Cavada no coração / Resignado e mudo / No compasso da desilusão / Desilusão, desilusão / Danço eu, dança você / Na dança da solidão".
3. Fédida, 1988; p. 54.
4. Moças que se apresentam numa "posição adolescencial" – entre dezoito e vinte e tantos anos.
5. Steiner, 1997; p. 17.
6. Brodkey, 1999; p. 52.
7. "Inocentes do Leblon  
Os inocentes do Leblon não viram o navio entrar.  
Trouxe bailarinas?  
Trouxe imigrantes? Trouxe uma grama de rádio?  
Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram mas a areia é quente, e há um óleo suave que eles passam nas costas, e esquecem". (Carlos Drummond de Andrade)
8. Lispector, 1980; p. 107.
9. Fala do personagem Marquês de Sade no filme "Os contos proibidos de Marquês de Sade".
10. Steiner, *op. cit.*; p. 154.
11. Steiner, *op. cit.*; p. 29.
12. Lispector, *op. cit.*; p. 41.
13. Lispector, *op. cit.*; p. 43.
14. Felinto, 1991; p. 79.
15. Loreley é o nome do personagem principal do livro "Uma aprendizagem ou Livro dos prazeres" de Clarice Lispector: "Loreley é o nome de um personagem lendário do folclore alemão, cantado num belíssimo poema por Heine. A lenda diz que Loreley seduzia os pescadores com seus cânticos e eles terminavam morrendo no fundo do mar" (1980; p. 106).
16. Kehl, 1996; p. 93.
17. (Felinto, 1991; p. 77).
18. Kehl, *op. cit.*; p. 213.
19. Freud, 1969; p. 213, grifo meu.
20. E voracidade!
21. 1988; p. 42.
22. p. 42.
23. p. 45.
24. p. 47.
25. p. 48.
26. Fédida, *op. cit.*, p. 43, grifo meu.
27. McDougall, 1997; p. 198.
28. Fédida, 1997; p. 38.
29. Kehl, 1996; p. 95.
30. Kehl, *op. cit.*; p. 92.
31. Kehl, *op. cit.*; p. 93.
32. Lispector; p. 100-101.
33. Naffah Neto, p. 135.
34. Steiner, p. 167.
35. Steiner, *op. cit.*; p. 153.
36. Steiner, p. 154.
37. Steiner, p. 167.